

ENTREVISTA COM O PROF. MILTON SANTOS*

- GEOSUL: Inicialmente gostaríamos de ouvir sua história de família. Onde você nasceu? Quando? Quem eram seus pais, seus avós? Como foi sua infância? Locais em que residiu e os fatos mais importantes neste período de sua vida?

- PROF. MILTON: É uma indiscrição, mas vou obedecer! Eu nasci no dia 03/05/1926, em uma cidade do interior da Bahia, na Chapada Diamantina, chamada Brotas de Macaúbas. Os meus pais eram professores primários em primeira investidura nessa localidade. Então eu nasci lá. Minha família pelo lado materno é uma família de professores. Os meus avós maternos eram professores primários - ambos eram professores no Centro Operário de Salvador. Nessa época não havia ainda os sindicatos, mas eles eram professores deste Centro Operário que ocupava um dos solares da velha cidade de Salvador, antes da Abolição. Uma das coisas curiosas na história de minha família é o fato de que antes mesmo da Abolição esses meus avós puderam terminar um curso regular na Escola Normal, e isto se deve naturalmente às famílias que participaram da velha pequena burguesia negra da Bahia. Já os meus avós paternos eram lavradores urbanos. Eles tinham uma posse de terras dentro da cidade, terras férteis de propriedade do antigo governador Frederico Costa, em Salvador. Meu avô fazia irrigação pelos meios possíveis naquela época e minha avó vendia

*Participaram dessa entrevista, os professores Armen Mamigonian, Ewerton Vieira Machado, Maria Dolores Buss e Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira.

a produção hortícola na cidade, para a classe média que usava este tipo de condimento. Então, os meus pais foram para esta localidade - Brotas de Macaúbas - onde eu nasci. Mas não conheço esta cidade. Eles foram como professores primários do governo do Estado, porque naquele tempo os professores eram nomeados para muito longe e por acesso iam subindo na carreira até, eventualmente, voltar para Salvador. Para eles foi um longo caminho porque dali eles foram para Itapira que hoje chama-se Ubaitaba, na zona do Cacau, onde eu passei uma parte da minha infância. Dali foram mais para o sul ainda, para Alcobaça onde eu fiz as primeiras letras, primeiras letras que fiz sem ir para a escola. Eu fui alfabetizado em casa e só fui à escola para prestar os exames do primário quando eu tinha 8 anos. Como não poderia ir para o ginásio com 8 anos, fiquei em casa estudando álgebra, francês e boas maneiras. Meu pai me sugeriu que devesse ler sobre boas maneiras. Na realidade o que ficou mesmo foi um pouco de francês, pois álgebra eu esqueci e boas maneiras, como vocês podem perceber, eu também esqueci. Com 8 anos tive um irmão, Nailton, e, aos 10 anos, nasceu uma irmã chamada Leda. Aos 10 anos eu fui levado para a cidade. Na realidade meus pais vinham à capital a cada 2 anos. De Alcobaça para Salvador tomava-se um navio da Navegação Baiana que levava 4 dias, parando em diversos pontos do litoral; e meus pais vinham em férias a cada dois anos. Interessante, eu me lembro que Salvador era uma cidade importante para nós naquela época, mas onde era fácil obter casas, alugar casa por alguns meses. A arrumação para a viagem era uma epopéia porque eles levavam para a "cidade" peixe seco, peixe salgado, ovos, carne salgada, carne seca, camarões, e até galinhas em engradados... Chegavam com uma provisão que se justificava porque a vida social era muito intensa, como ainda é hoje em Salvador - hoje menos. Salvador sempre foi a cidade onde se criou a figura do homem público que as cidades do sul Brasil não conhecem - aqui a vida pública é formada por homens privados. Acho que a grande diferença entre a cultura baiana, tal como me lembro dela quando era menino e a cultura que se impôs ao urbano no Brasil de hoje é que havia o homem público, ao lado do homem privado; a convivialidade da vida privada tinha como paralelo a presença deste homem público que de alguma maneira me parece faltar hoje.

- GEOSUL: O que você caracterizaria como homem público daquele momento? Como você explica essa diferença do homem público do norte e o homem público do sul? O homem público do sul é o homem privado?

- PROF. MILTON: A diferença é que Salvador foi uma cidade que já tinha 100 mil habitantes em 1800. Era uma grande cidade na passagem do século XVIII para o século XIX. Quer dizer, a vida urbana, a urbanidade, a civilização que eram próprias da cidade puderam se instalar. É diferente do resto do Brasil - do sul - onde praticamente não havia cidades. Apenas pequenas aglomerações com um pouco de gente e sem uma vida urbana real. Acho que isto marcou a trajetória da cidade na Bahia, imprimiu uma cultura urbana que pode ir se transmitindo porque o tempo era muito lento, de modo que a transmissão se fazia sem interrupção dessa noção da vida coletiva que foi sempre muito presente na Bahia. Quando a urbanização se impõe ao resto do Brasil, se impõe já com valores do individualismo do homem privado, sem deixar muito lugar para a vida pública. Isto me parece importante para a compreensão das formas de convivialidade em uma cidade como São Paulo, por exemplo, onde você tem de um lado uma vida familiar intensa, como se fosse no campo e uma ausência de formação de relação civilizada própria da cidade, exceto nas classes mais ricas, enquanto que na Bahia este tipo de convivência não era exclusividade apenas das classes mais ricas, mas também de classes médias que eram, já naquele tempo, classes médias por terem pequenas posses e por terem uma certa formação intelectual.

Eu me recordo, neste tempo, de minha mãe contando as festas que meus avós costumavam dar - os saraus, as reuniões musicais, literárias, que eram muito comuns em uma classe média que não era abastada, era uma classe média com algumas posses, algumas propriedades, um cotidiano seguro, mas sobretudo com uma base cultural importante.

- GEOSUL: Você poderia fazer alguma referência ao Círculo Operário como um centro cultural, como um centro de acontecimentos? Estes círculos operários parece que existiram no Império em várias cidades, até mesmo aqui em Florianópolis. Eles

tiveram uma certa representatividade... Isto teria sido - pelo que estão sugerindo - centros de atividades culturais. Havia escolas primárias, por exemplo?

- PROF. MILTON: Havia as escolas primárias que meus avós assumiram e havia toda uma atividade cultural, beneficente, de assistência. Eu não conheço bastante porque as pessoas de minha origem e de minha classe crescem com a condição de não olhar muito para trás. Por isso as famílias eram muito cuidadosas com esse não olhar para trás, o que era uma forma de facilitar a **promoção**. Um dos resultados é que a gente ignora muito do passado, embora no meu caso a origem, pelo menos pelo lado materno, era um signo distintivo porque eram pessoas que tinham peso na vida política mesmo e social da cidade.

Bom! Então aos 10 anos eu fui para a cidade para fazer o exame de admissão (ao ginásio). Sendo aprovado fico e com 10 anos eu fui interno porque meus pais moravam no sul como professores e me deixaram interno no colégio chamado Instituto Baiano de Ensino que era um colégio de classe média, mas não de classe média alta. Não era o Colégio dos Jesuítas, não era também o dos Maristas, mas era um colégio novo, mais moderno, dirigido por educadores com grande força e os professores também eram de grande força - civil. No corpo docente havia professores com grande cultura, alguns eram mesmo professores de faculdade - de Medicina, de Direito, da Escola Politécnica que vinham dar aula ali, tanto que eu me recordo ainda hoje de frases desses homens porque me marcaram. Eu me recordo do meu professor de Português que era um grande poeta e que me disse um dia: "Você não chegará nunca a ser Presidente da República, mas você será um Teodoro Sampaio". Ele imaginava que eu iria ser um intelectual ou geógrafo, pois Teodoro Sampaio, apesar de ser engenheiro, foi sobretudo um importante geógrafo que escreveu sobre São Francisco, sobre São Paulo e sobre a cidade de Salvador.

Vivi neste colégio 10 anos de minha vida por que quando terminei o ginásio fui convidado para continuar ensinando. Comecei a ensinar na verdade quando tinha 13 anos. Recordo-me que no 2º ano do ginásio eu era muito forte em Matemática. Fui então convidado um dia em que faltou um professor dessa matéria

- eu estava no 2º ano - para dar uma aula no 3º ano. Eu era muito forte em Matemática, talvez porque tivesse estudado dois anos de álgebra em casa. Eu imaginava que iria estudar Engenharia, mas havia uma idéia de certo modo corroborada pelo fato de que a Escola Politécnica não gostava de admitir negros. Então como havia um cuidado para evitar decepções na juventude, eu fui orientado a fazer Direito, renunciando a uma vocação que eu imaginava ter quando menino que era a de ir para a Igreja, para ser padre. Um tio meu advogado e que tinha estado no seminário me dissuadiu da idéia de ser padre e com argumentos que vocês imaginam quais. Ele me sugeriu estudar Direito. Então, como eu ia estudar Direito decidi que a Matemática não tinha mais cabimento e passei a estudar Geografia e, logo que deixei o ginásio, com quinze anos, eu comecei a ensinar Geografia.

- GEOSUL: No Colégio?

- PROF. MILTON: No ginásio. Para isso corroboraram dois fatores importantes. Dois professores de Geografia muito importantes que eu tive. Um que era um geógrafo descritivo, mas brilhante e o outro que era um geógrafo explicativo e também brilhante, o professor Osvaldo Imbassahy. O primeiro chamava-se Oscar Hilário. O professor Osvaldo Imbassahy me pôs em contato com um livro extremamente importante, mas pouco divulgado porque a Geografia tem uma velha tradição que é a de sabotar os trabalhos importantes escritos na área. Isto é tão antigo quanto a Geografia brasileira. Então, o Josué de Castro que escreveu esse livro importante era sabotado pela Geografia brasileira. Este livro discutia as principais teses filosóficas da Geografia e me foi posto diante dos olhos quando eu estava no 2º ou no 3º ano do ginásio - tratava de teorias como o possibilismo, o determinismo que eram ensinadas nos primeiros anos do ginásio. . Então, este livro me marcou.

Eu sou um dos últimos, da penúltima turma, dos 5 anos. Antes de ir para a faculdade a gente tinha que cursar dois anos de preparação - o chamado Curso Complementar. No Curso Complementar havia Geografia Humana de novo - era uma disciplina obrigatória no vestibular da Faculdade de Direito - vestibular que eu prestei em 1944. Para entrar na Faculdade de Direito era ne-

cessário prestar exame de 6 disciplinas: História da Filosofia, História da Literatura Mundial, História do Pensamento Econômico e Político, Geografia, Português e Latim. Foi aí que eu aprofundei meu contato com a Geografia, neste Curso Complementar já em nível mais alto e na Faculdade de Direito que nos dava o título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Quer dizer, as Faculdades de Letras e Filosofia estavam apenas começando e na maior parte do Brasil eram muito mais débeis do que são hoje, e naquele tempo muito menos aparelhadas do ponto de vista do corpo docente do que as Faculdades de Direito. Então, a Faculdade de Direito era o lugar da formação geral, inclusive porque o Direito não era ministrado como algo técnico; o Direito era ensinado juntamente com Economia Política (pode-se chamar assim) - não era ensinada a Economia como hoje se ensina, mas Economia Política que obrigatoriamente ensinada na Faculdade de Direito, juntamente com Sociologia Jurídica, Teoria do Estado, Direito Constitucional que eram dados no sentido de propiciar uma formação em Ciência Política, em Finanças, etc. Isto dava uma base em humanidades que nenhum outro curso oferecia. Saí dessa Faculdade em 1948.

- GEOSUL: Quem eram os melhores professores?

- PROF. MILTON: Os professores eram extraordinários. Tive professores como o Nestor Duarte. Vou parar neste nome porque ele nos deu uma noção de que estávamos mudando de casa. A minha impressão é a de que hoje uma boa parte dos estudantes quando entra na faculdade não sente muita diferença entre o colégio e a faculdade. Nós a sentimos porque a forma de dar aula, a densidade dos cursos, digamos assim, era diferente. Acho que o aspecto mais importante era a densidade do curso - eram cursos de uma hora. Curso com mais de uma hora são dificilmente bons, na medida em que o professor não sendo obrigado a dar um curso denso, dá um curso aguado e os cursos longos, de muitas horas, reduzem a eficácia do ensino já que a problemática é diluída. Então nós tínhamos aquele curso, o curso de Direito, que era feito em 2 horas por dia, duas aulas. Como todo mundo sabe, Salvador é uma cidade civilizada. Então, a faculdade de Direito sendo um lugar civilizado era onde havia a latrina mais limpa da cida-

de, era uma latrina inesquecível e de uma grande dignidade, e as aulas duravam de 10 horas ao meio-dia porque nenhum professor iria aceitar dar aulas antes das 10 horas da manhã e nem depois do meio-dia por não ser adequado. Por isso, as aulas duravam 1 hora cada uma delas, o que permitia um ensino sólido, muito consistente, provocativo, cheio de problemáticas e questões.

- GEOSUL: Nestor Duarte foi famoso por ter sido um dos debatedores da questão da formação social brasileira do tipo presente no feudalismo. Havia um debate, digamos, intelectual nas aulas neste estilo?! Por exemplo, com relação à formação social, feudalismo, etc...? Como ele se posicionava diante destas questões em termos de liberdade, de opiniões, de discussão? Como é que se colocavam estas questões no debate dentro da faculdade?

- PROF. MILTON: Eu vou lhes contar um episódio. O Nestor Duarte era um grande tribuno e um grande professor. Eu me recordo que em uma das aulas ele abriu o debate e eu próprio lhe disse que ele estava falando mais alto e com mais vigor por ser professor. Ele estava sentado na sua cadeira de espaldar. A minha não era uma contestação do tipo atual, mas era uma forma de protestar e ele me disse: "Então, você venha para a minha mesa". Olhe bem, naquele tempo havia um alto estrado e um dossel atrás do professor. Ele me disse: "Venha para a minha mesa, mas não fique sentado, fique em pé em cima da mesa". Isto nos permite ver o clima que ele instalava na Universidade. Ao lado dele eu tive outros professores extremamente importantes. Um deles era o Alomar Baleeiro, grande financista; outro foi Aloisio de Carvalho Filho, grande criminalista, autor do Código Penal; Orlando Gomes que escreveu a reforma do Código Civil; Luiz Viana Filho, um especialista em Direito Internacional, e outros grandes nomes que eu pude ter como professores. Vivíamos o sistema ainda do fim do governo Vargas, da ditadura Vargas e eles ainda não tinham sido eleitos como deputados e senadores. Posteriormente foram todos para o Senado e para a Câmara, como Constituintes - todos da UDN, evidentemente. A Faculdade de Direito era uma casa onde o liberalismo era muito forte, inclusive os de esquerda cha-

mavam-se de "esquerda democrática" dentro da UDN porque misturavam uma vontade de socialismo - nome que não se pronunciava ainda e eramos induzidos a ler Harold Laski - um rabino com uma enorme convicção liberal.

- GEOSUL: Eles eram, digamos, da aristocracia rural? Ou pelo menos alguns deles?!

- PROF. MILTON: Eram da aristocracia de toga; alguns descendentes de juizes, desembargadores, da aristocracia rural. Na realidade, as classes médias baianas para mim sempre foram um grande mistério. As classes médias baianas eram formadas por funcionários que se mantinham porque alguns tinham terra, quer dizer, a renda do cacau, do café, do gado, os restos da cana é que permitiram a esta camada social viver bem, a despeito dos salários não muito altos da função pública.

- GEOSUL: Após sua formação acadêmica de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais você exerceu a função de bacharel, de advogado ou resolveu se inclinar para o magistério?

PROF. MILTON: Na faculdade havia uma enorme campanha contra a função pública. Eu me lembro de um professor - o professor Machado, de Economia Política - que fazia uma enorme profissão de fé anti-burocracia. Depois descobri que enquanto faziam esta profissão de fé anti-burocracia que tanto me impressionou, eles empregavam os filhos desde muito cedo. Mas como eu não era membro desta classe acreditei naquilo e decidi que não ia ser funcionário público. O governador de então - Otávio Mangabeira - quando me formei mandou me oferecer um emprego, uma função pública, que eu declinei preferindo ser professor porque naquela época era muito clara a distinção entre professor e funcionário. Hoje os professores aceitam com muito prazer ser funcionários, eles se consideram mesmo funcionários e muitos estão felicíssimos de ser burocratas; mas então a gente tinha consciência de que eram coisas diferentes. Então para não ser burocrata, mesmo sendo promotor ou juiz, o que me teria sido fácil, eu preferi fazer concurso para professor catedrático do Colégio Municipal de Ilhéus.

- GEOSUL: O salário era conveniente?

- PROF. MILTON: Pagavam melhor do que na capital.

- GEOSUL: O salário correspondia, digamos, ao da magistratura? Havia uma correspondência entre os salários da magistratura e do magistério?

- PROF. MILTON: Em Ilhéus, sim, porque a cidade tinha um grande orgulho desse colégio e nos pagavam um salário extremamente elevado para a época, sobretudo porque em 1949 não éramos escravos do consumo. O dinheiro tinha um outro valor - o número de coisas que nos bastava era muito pequeno, muito reduzido, em relação às solicitações atuais. Então o salário nos permitia ir de avião com frequência a Salvador, comprar livros, etc...

- GEOSUL: Foi neste momento que você escreveu "Zona do Cacau" que o Caio Prado elogiou, comentou, em 1950, 51?

- PROF. MILTON: Sim, foi neste momento que eu escrevi este livro sobre o cacau que depois, numa segunda edição, foi publicado na Coleção Brasileira, por sugestão do Professor Aroldo de Azevedo.

- GEOSUL: Em que você se baseou em matéria, digamos assim, teórica, leituras prévias, além desta formação toda que você falou que já tinha recebido?! Quais as idéias básicas que o influenciaram para escrever livros?

- PROF. MILTON: A escola regional francesa, sobretudo, que eu já havia começado a ler desde cedo.

- GEOSUL: Como foi seu acesso a estes livros? Eles existiam na Biblioteca da Faculdade de Direito?

- PROF. MILTON: A bibliografia do Josué de Castro e o contato com as idéias dos professores franceses... Na realidade o meu primeiro contato físico com os professores franceses foi em 1956, mas havia o Pierre Mombeig que eu conhecia desde antes e

me recordo que quando eu planejei escrever este livro eu escrevi a Monbeig perguntando se aquilo era Geografia mesmo. Ele me respondeu que não me preocupasse se aquilo era Geografia ou não, mas que tocasse para frente. Na verdade, o debate que volta e meia aparece - sobre o que é Geografia ou não - já estava presente.

- GEOSUL: Prof. Milton, gostaríamos de saber da sua trajetória política, principalmente na política baiana. Na Bahia havia a presença nítida do partido comunista, tanto é que o grupo que depois vai constituir o partido comunista na legalidade vai ser o famoso grupo baiano. E, por outro lado, a tradição de política mesmo de classe dominante na Bahia como é que aparecia no ambiente da cidade, no ambiente intelectual, etc...

- PROF. MILTON: Inicialmente quero lembrar, que ainda respondendo a questão relativa aos livros, que para fazer concurso para o Colégio de Ilhéus eu tive que fazer uma tese. Então, em 1948 eu me meti a escrever um livro chamado **O Povoamento da Bahia**, inspirado em diversos autores, inclusive no sergipano Felisbelo Freire. Neste livro que eu escondo hoje, há um capítulo "A Forma do Estado da Bahia" que é inspirado em páginas de Felisbelo Freire. O livro é sobre o povoamento da Bahia, suas causas sociais, econômicas, etc...

- GEOSUL: Este livro foi impresso?

- PROF. MILTON: Sim, foi. Ele existe... Agora, o meu envolvimento com a política. E aí tem alguma coisa misturada com o Partido Comunista. Eu fui o fundador da União Brasileira dos Estudantes Secundários. Eu estava no 1º ou no 2º ano do Curso Complementar (em 1942 ou 1943). Quando nós fundamos a União de Estudantes Secundários da Bahia, criamos uma cisma com a UEB (União dos Estudantes da Bahia) que foi dirigida por Fernando Fontana, atual deputado, que foi uma espécie de líder nosso. Nós tínhamos uma idolatria por ele, assim como pelo Jacob Gorender, tão feio quanto bom orador e que foram os líderes, em Salvador, pela entrada do Brasil na guerra. Nós todos os seguíamos de forma desenganada e, neste momento, houve, digamos assim, uma aproxima-

mação física com estes líderes mais próximos do Partido Comunista. Quando, porém, eu convoquei o Congresso Brasileiro de Estudantes Secundários e se formou a chapa para a presidência da entidade, Mário Alves, mais velho que eu, e outros, recusaram-me a possibilidade de eu ser o presidente alegando, para fazer um acordo com a Igreja, que um negro teria dificuldades para conversar com as potências da política e da sociedade, e aquilo me chateou. Talvez este episódio que deve ter sido resultado da incapacidade minha de inspirar confiança tivesse tido um papel importante nas minhas posições durante um bom tempo de minha vida. Tanto que quando eu estava no 2º ano da Faculdade de Direito foi a primeira vez que o Partido Comunista foi derrotado na campanha para a direção da União de Estudantes, já agora da Universidade. Nesta oportunidade o candidato lançado pelo nosso grupo e que era um amigo fraternal meu chamado Metódio Coelho ganhou as eleições contra Fernando Santana e uma porção de pessoas ligadas ao Partido Comunista, alguns dos quais hoje são grandes banqueiros e grandes potentados como Orlando Moscoso Barreto de Araújo que é uma das grandes multinacionais da Bahia hoje que nós derrotamos, e neste momento eu recebi uma campanha muito forte, contrária, do Partido Comunista. Basta dizer que eu tinha direito quase diariamente a um artigo no jornal comunista - "O Momento" - um artigo contrário. Este jornal era dirigido por João Falcão que escreveu aquele livro de depoimentos da sua época. Não sei se ele contou neste livro que o seu pai que era um grande potentado de Feira de Santana cobria os "déficits" do jornal porque neste momento o Partido Comunista era visto como um desvio de juventude e os pais financiavam porque eram seus filhos e também porque imaginavam que financiando o PC, se houvesse uma possibilidade de vitória, eles iriam ser poupados. Então o PC, como aliás ainda hoje é, recebia subsídios de certos tipos de gente rica mais ou menos esclarecida.

Nesta gestão nossa na UEB ocorreu um episódio muito importante: nós fazíamos todos os anos a passeata da juventude (com figuras alegóricas, um grande corso) no dia 21 de setembro. A gente parava a cidade com críticas políticas, etc... No dia 20 de setembro, a extrema direita, porque nós tínhamos gente muito mais à direita do que nós - os Coelho não eram de extrema-direita, eles eram nossos guarda-costas - quer dizer, os pais do atual

governador da Bahia (Nilo Coelho), os pais dos que hoje estão mandando na economia e na política de Pernambuco e que não eram então muito brilhantes, mas eram muito fortes e eram uma espécie de guarda-costas nossos, guarda-costas necessários porque a gente corria riscos - eu, o José Cândido de Carvalho que hoje é ministro do Tribunal de Recursos e que ficou meu amigo depois, chegamos até a morar juntos durante alguns anos em Ilhéus. Neste dia 20, então, invadiram a UEB e quebraram todas as instalações e todos os preparativos para a passeata. O Diretor do "A Tarde" jornal principal da Bahia, Simões Filho, que depois se tornou meu mestre de jornalismo, de política e de vida, nos mandou chamar e disse no primeiro contato: "Vocês voltem lá e quebrem mais ainda que eu vou mandar fotografar". Ele fez um artigo muito interessante em torno do fato criado - a noção de criar os acontecimentos que hoje é feita de maneira grosseira pela maior parte dos tele-jornais, naquele tempo era feita de maneira mais leve, e até inteligente.

- GEOSUL: Esta depredação foi feita pela esquerda?

- PROF. MILTON: Por gente mais à direita ainda e isto me ligou a este dono de jornal. Quando eu me formei em Direito e estava indo para Ilhéus, ele me entregou a representação do seu jornal em Ilhéus. Eu tinha uma coluna assinada no jornal sobre os fatos de Ilhéus, o que me deu uma enorme força política na região de cacau. Digamos que daí é que surgiu o meu envolvimento com a política; não com a política estudantil, mas com a política adulta, através do jornalismo que eu exerci até 1964 e que me ajudou a galgar várias posições na política baiana.

- GEOSUL: Qual foi a sua primeira posição política?

- PROF. MILTON: Foi a de redator principal do jornal.

- GEOSUL: Você tinha aquela experiência de redação, quer dizer, acompanhava o jornal diariamente, acompanhava a tiragem do jornal?

- PROF. MILTON: Todos os dias! Tudo! Só que eu não fiz re-

portagens porque o dono do jornal decidiu que eu deveria fazer os artigos, fazer artigos de fundo do jornal.

- GEOSUL: Ele tinha posição contrária à Petrobrás?

- PROF. MILTON: No começo sim, o jornal praticamente criticava a Petrobrás, mas eu nunca escrevi nenhum destes artigos e uma ou outra posição que eu achava que não devia tomar, era respeitada. Aliás, os companheiros que redigiam a página de opinião eram do Partido Comunista. Heron de Alencar, primo de Miguel Arraes, que foi professor da Universidade da Bahia, professor em Paris e Giovani Guimarães, que era um dos homens do Partido Comunista da Bahia e que comigo faziam a opinião porque era um jornal populista à antiga, que não era subordinado aos nexos do grande capital como acontece hoje com a maior parte da imprensa no Brasil. Então, tinha certos laivos de independência exercida através de um certo populismo que foi a minha escola de jornalismo.

- GEOSUL: Quando foi isto? Em que época?

- PROF. MILTON: Eu fiquei muito pouco tempo em Ilhéus. Em 1952 ou 53, já estava de volta em Salvador. No jornal como redator principal eu tinha uma função política, pois escrevia o artigo de fundo, numa fase em que a fraternidade jornalística era muito forte e a autonomia dos jornalistas era muito grande. Talvez tenha sido o último redator desse jornal a ter um peso dentro da redação, coisa que desaparece depois. Atualmente os jornalistas têm uma certa latitude, mas é muito pequena. No meu tempo de jovem era muito maior. Bom! Isto me permitiu, num dado momento, exercer um posto que era o de Diretor da Imprensa Oficial. Então eu fui nomeado Diretor da Imprensa Oficial quando já era professor da Faculdade Federal (1959) - antes eu tinha sido professor na Católica - no curso de Geografia. Em 1958 eu terminava o meu doutoramento em Strasbourgo e quando vim para a Bahia o reitor criou para mim um instituto chamado Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais. Fui nomeado Diretor da Imprensa Oficial com a condição de só chegar lá às 5 horas da tarde. O governador que era o Juraci Magalhães aceitou dois con-

dicionantes: um que era o de não chegar antes das 5 da tarde porque eu queria permanecer no meu jornal, na minha cadeira e no meu laboratório e aí se vê que eu fazia muitas coisas ao mesmo tempo; o outro era o de que eu pudesse sair de quando em quando e passar um período na França estudando. O governador aceitou porque a minha posição era uma posição intelectual forte na medida em que eu escrevia as coisas sobre a realidade da região. Eu partia da região para a Universidade e não de um artigo escrito para um ou outro, como hoje é comum. Grande parte dos trabalhos que a gente vê na faculdade é resultado da procura de demonstrar uma idéia fragmentada deste ou daquele autor importante ou da moda. Eu creio que a outra forma de eu entrar na política vem do fato de eu ter estudado muito a realidade baiana. Como jornalista ainda, fui destacado para acompanhar o Sr. Jânio Quadros na sua viagem a Cuba. Foi muito importante porque eu consegui me manter íntegro durante a viagem.

Nesta viagem foi uma plêiade de intelectuais que foram com os jornalistas Rubem Braga, Fernando Sabino, e este que é o maior cronista político do Brasil - Carlos Castelo Branco. Todos foram contemplados por Jânio quando este foi presidente.

Em 1960 o Jânio me chamou porque queria me nomear embaixador... Ele precisava urgentemente nomear um embaixador negro, mas eu estavam em Paris, onde a primavera estava linda e assim atrasei meu regresso. Ao chegar aqui, o presidente me nomeou sub-chefe do seu gabinete civil e seu representante pessoal na Bahia. Este convívio com o poder me deu completo sentimento da fatuidade do poder. Representando o presidente no estado da Bahia eu pude fazer alguma coisa de interesse popular, por exemplo, forçar o Banco da Bahia e os outros bancos baianos que eram dirigidos pelo Ministro da Fazenda Clemente Mariano, a devolver aos lavradores o excesso de divisas que eles guardaram quando houve aquela desvalorização da moeda. Obrigamos a companhia elétrica canadense-americana a devolver à população o excesso de dinheiro cobrado nas contas. Na realidade a minha ida à Cuba com Jânio já me tinha valido a inclusão do meu nome na lista do exército.

- GEOSUL: No governo de Jânio e Jango?

- PROF. MILTON: Na realidade, antes de participar do governo de Jânio, eu fui presidente da União dos Sindicatos dos Jornalistas e da União Baiana de Escritores, o que me dava um certo apoio das esquerdas e graças, também, a minha posição no jornalismo, onde havia uma enorme influência do PC, eu tinha então, um trânsito muito fácil com o Partido Comunista. Eu devo isto, ao fato de ter estado na França e lido o jornal "Le Monde", porque os jornais brasileiros, inclusive o meu, me davam uma noção muito pouco nítida do que era o mundo. Minha noção de mundo começa a ficar mais clara a partir das leituras dos jornais franceses, sobretudo o jornal "Le Monde", que me reconcilia com o que hoje a gente chama de visão de esquerda.

- GEOSUL: O que foi a história de 64, o Lomanto acabou aderindo a extravasar a raiva do pessoal do exército, da alta finança baiana, etc... Como é que isto se manifesta para você e em geral?

- PROF. MILTON: Bom, a alta finança não propriamente, porque a alta finança era liderada por Miguel Calmon, um grande homem, foi reitor e que foi, digamos assim, a pessoa que negociou com o governo federal militar, a minha saída do Brasil. Eu tinha bons amigos, como Luiz Viana que foi meu professor e Luiz Navarro de Brito, amigo fraternal, que não me deixaram entrar nas listas de cassação o que foi uma grande gentileza, ainda que hoje tenha de trabalhar 10 anos mais do que outros... Em 64 então, eu fui de alguma maneira entregue ao exército pelo Lamanto Júnior e seu chefe de polícia, porque ele precisava de um bode expiatório. Os bodes expiatórios foram o professor Nestor Duarte e eu. Éramos apontados como os escribas dela, o que era verdade de certa forma. Então, éramos as pessoas que tinham que ser entregues ao poder novamente constituído, como forma de liberar o Lomanto, para que ele pudesse se manter governador. 1964 chega, eu fui preso, solto depois de 6 meses e submetido a

um sistema de prisão domiciliar. Ainda na prisão eu fui nomeado, onde deixei de ter a solidariedade de muita gente. Lembro daquela famosa reunião da AGB, onde queriam me crucificar. Alguns colegas tentaram me defender de forma subterrânea e alguns poucos de forma aberta, sobretudo Armen, que teve um gesto cordial me dedicando uma apresentação do seu trabalho. Lembro-me que na prisão eu chorei quando tive essa notícia, porque estava sozinho, cercado e os defensores do novo sistema dentro da Geografia eram muito fortes. A Geografia sempre foi uma disciplina de gente reacionária, gente de bem, aquela gente da marcha da família, da propriedade, etc. Eu teria sido crucificado nessa reunião da AGB em 64, se não fosse Armen, Manoel Correia e Araújo Filho. Na prisão eu fui nomeado professor da Universidade de Toulouse na França. Como eu adoeci depois da prisão no quartel do exército e durante a minha prisão domiciliar, graças então, a essa minha doença e à negociação do reitor Miguel Calmon, a vigilância foi afrouxada, e eu pude viajar para a Europa no natal de 1964. Isto provocou uma comoção nacional, digo nacional, porque a imprensa do sul publicou este fato com destaque (Correio da Manhã, Diário de Notícias). Fui para Toulouse, me instalei lá, recebido com enorme carinho pelos colegas da Universidade. Eu saí do Brasil, pensando que ia passar 6 meses fora, pois a tradição nos nossos estados era que as pessoas presas iam para a Europa passar alguns meses e depois voltavam para se eleger deputado federal, com os brilhos dos Ilhéus. Fui pensando que ia passar 6 meses e na realidade acabei ficando fora 13 anos.

- GEOSUL: Como foi a sua carreira na Geografia, na década de 50, como participante da AGB e como aconteceram os seus contatos com a França em matéria de Geografia?

- PROF. MILTON: O meu primeiro contato com a AGB, na verdade, é resultante do fato de que em Ilhéus enquanto eu ensinava também advogava um pouco. Era divertido fazer parte do júri onde eu trabalhava com o meu amigo José Cândido Carvalho, hoje ministro do Supremo Tribunal de Recursos e graças a um amigo que era presidente do Sindicato dos Marítimos que me trazia causas de Direito Comercial Marítimo, eu ganhava algum dinheiro que me

permitia ir para o Rio de Janeiro todas as férias, o que, aliás, era um hábito do pessoal do cacau já que Salvador não tinha tanta importância. Eu freqüentava sistematicamente aqueles cursos de especialização do Conselho Nacional de Geografia. Em muitos verões freqüentei aquelas aulas e foi aí que conheci a AGB. A partir da reunião de Belo Horizonte havia reuniões anuais e não decenais como o jornal que vocês me deram ontem coloca (AGB em Debate - Ano 1 - nº 1 julho/1989) o que considero uma grande falha histórica. A AGB se reunia todo ano, só não tinha as dimensões que tem hoje. Naquela época, a gente cabia em um hotel. Era o Hotel Brasília Palace - o primeiro hotel de Belo Horizonte. Eu apresentei o meu primeiro trabalho - que foi reprovado - na década de 50. O mesmo trabalho foi novamente reprovado pelo Professor Araújo Filho. O fato do trabalho não ter sido aceito duas vezes não me desanimou, ao contrário, me conduziu a reapresentá-lo. Ao trazê-lo de volta, havia, por um lado, uma humildade na atividade intelectual e por outro lado, uma dignidade dos que o recusaram. Hoje a minha impressão é a de que ninguém mais recusa nada e tudo aparece como se fosse válido o que dá como resultado a ruína financeira da AGB, porque a impressão de algumas pilhas de trabalho de qualidade dentro de um oceano de trabalhos insignificantes custam um preço enorme para a AGB. No primeiro encontro o tema trabalhado era sobre a zona do cacau. Dessa forma eu ia e voltava. Eu ia ler e estudar mais, ia ver o que os franceses haviam escrito nas revistas e livros; o que os americanos de Wisconsin no Madison, que eu lia muito, haviam escrito, porque eles sabendo do meu pendor pela França, me inundavam com a literatura americana, no intuito de me seduzir. Mas é em 56, então, que se realiza no Rio de Janeiro um Congresso Internacional de Geografia. A Geografia era uma disciplina muito prestigiosa, assim como era o CNG - Conselho Nacional de Geografia, que aliás sempre foi dirigido por um geógrafo. Enquanto isso, o IBGE era dirigido por um militar ou um político, ou militar-político, como é o caso do pai da geógrafa Regina Rochefort, o almirante Espíndola, que foi um dos seus presidentes. Foi naquele congresso que se abriram as portas, pa-

ra nós geógrafos brasileiros, para o mundo, com a vinda de grandes nomes que vieram prestigiar esse evento e que foi bastante divulgado na imprensa. É interessante notar que a abertura deste congresso contou com a presença do então presidente Juscelino Kubitschek.

Esse congresso termina mas não acaba, porque após sua realização ficou sendo ministrado um grande curso chamado de "Altos Estudos Geográficos", organizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia, coordenado por Hilgard Sternberg, onde vão ensinar nomes como Deffontaines, Pierre Mombeig, André Cailleux, Karl Troll da Alemanha, deu aulas em espanhol. Eram seis (6) grandes nomes que deram aulas em francês, Pierre Birot,

- GEOSUL: Jean Dresch?

- PROF. MILTON: Dresch não. Dresch era comunista e não podia entrar nesse grupo, como também Jean Tricart. Tricart que não pode dar aulas neste curso, foi dar um outro curso na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) graças a seu amigo Miguel Alves de Lima. O curso era dado à noite, tanto que nós íamos assistir Tricart, depois de terminadas as aulas na Faculdade Nacional de Filosofia. Acho que é interessante fazer aqui um parêntese, já que há dois (2) Jean Tricart na França; um ainda hoje é membro do Comitê Executivo do Partido Comunista da França e o outro Jean Tricart fora comunista, mas havia deixado o partido no episódio da Hungria. O Sternberg com a sua conhecida fidelidade às posições políticas retrógradas, que devem aliás ser louvadas pela sua constância reacionária, cortou a presença de Tricart. Não só cortou nessa ocasião, como conseguiu uma circular do IBGE, pedindo que Tricart não fosse apoiado em nenhum estado brasileiro. Essa circular eu pude ver através do meu amigo Artur Ferreira (que felizmente ainda vive), que era Inspetor Regional de Estatística da Bahia, que me disse: recebi isso aqui (circular do IBGE), mas nós vamos dar apoio ao Tricart. Foi assim que eu pude levar o Tricart para a Bahia, apesar do veto a ele apostado por organismos públicos, pela mão de Hilgard O'Riilly Sternberg. Isso tem que ser dito, porque faz parte da História da Geografia brasileira e é um fato real.

- GEOSUL: Dizem também, que você morou junto com um grupo de geógrafos brasileiros, nessa mesma ocasião no Rio de Janeiro?

- PROF. MILTON: Éramos um grupo que morou junto durante esses meses. Faziam parte dele Manoel Correia de Andrade, José Ribeiro de Araújo Filho e Bráz Berlanza Martines. Nós alugamos uma suíte no Hotel Itajubá, na rua Álvaro Alvin atrás do Hotel Serrador e assistíamos a essas aulas, que eram muito puxadas. Eu não me recordo dos outros nomes agora. Havia Ana Carvalho, da Bahia, a Nilda Guerra de Macedo também da Bahia. Esse digamos assim, foi meu contato físico com a França. Meu contato intelectual foi anterior, com a Mme. Beaujeu-Garnier, com quem nessa ocasião não pude entreter uma maior relação, porque ela foi fazer a excursão da Bahia e eu ficara no Rio. Mas antes de ela vir para o Brasil, ela já havia tomado contato com um trabalho meu e feito uma resenha em uma revista francesa (entre 55/56), sobre esse trabalho que trata do povoamento da Bahia. A revista era "L'Information Géographique", que ela dirige até hoje.

- GEOSUL: Ela tinha mão-de-ferro?

- PROF. MILTON: Ela nunca teve mão-de-ferro.... sendo sempre alguém extremamente afável e generosa, doce no trato... Então, em 64 eu vou para a França. Passo 3 anos ensinando em Toulouse, como universitário francês. Essa condição era pouco receptiva e não havia tradição em trazer professores estrangeiros para ensinar. Tenho a impressão que eu fui o primeiro professor, pelo menos do Terceiro Mundo, a ter um posto de ensino em uma universidade francesa. Havia um período limite para ficar, que era de 3 anos. Mas houve uma exceção e no meu caso pude permanecer mais tempo, quando fui para Bordeaux, onde fiquei um ano, e de Bordeaux fui para Paris por 3 anos, como uma promoção porque eu era Maître de Conference, e em seguida fui elevado ao posto de professor. Na França, posso dizer que fiz carreira, porque alcancei o posto mais alto que era permitido a um estrangeiro alcançar na universidade francesa. A Sorbonne era um conjunto de Faculdades. Naquele tempo, quem tinha prestígio eram as Faculdades. Os diretores da Faculdade eram os que tinham peso, porque o reitor era um funcionário nomeado pelo governo e a

figura do presidente na universidade é posterior a 68. Paralelamente às minhas atividades de professor na Sorbonne, tinha duas outras funções no IAPEN, onde era diretor de uma seção de ensino do Planejamento Urbano e Regional e diretor do grupo de pesquisa em Análise Regional. Já vinha ensinando no IEDES desde que eu estava em Toulouse. Eu vinha a Paris a cada 15 dias ministrar meu curso, desde 1966. Em Paris, em 68, eu me instalo e fico até 71, quando fui cientificado de que o Ministério não desejava mais a minha presença. O ano de 71 marca uma fase curiosa nas relações intelectuais entre França e Brasil, no momento em que a crise mundial começa a se delinear, onde a atividade intelectual se torna, em grande parte, subsidiária da economia e do comércio, onde a pesquisa acadêmica tem seu financiamento, em sua maioria, comandado pela necessidade do comércio e onde um grande número de intelectuais começam a ser mandados embora. Eu só entendi isso a posteriori. Então, eu tinha uma posição prometida como firme, na Universidade de Mc Master, a convite de um colega norte-americano/canadense, não me lembro bem, que aspirava uma posição no IPGH (Instituto Pan-Americana de Geografia e História). Mas as negociações para alcançar essa posição fizeram-no desistir da minha nomeação para este posto de professor naquela universidade. Poucos meses antes de me transferir para essa universidade, ou provocando notícias, fui informado de que não seria mais nomeado. Isso me parece resultado, eu não posso afirmar, de uma conjura, onde entram de um lado as ambições do prestígio político no IPGH, daquele colega da Mc Master o Harold Wood e os brasileiros que faziam parte da curiela do IPGH e até hoje nela se mantêm.

- GEOSUL: Quem por exemplo?

- PROF. MILTON: Quem por exemplo? Há pessoas de quem eu gostava e apesar disso continuo gostando, como Nilo Bernardes, que imagino ter sido inocente em tudo isto, mais outros, que imagino não foram tão inocentes, como Espiridião Faissol e Miguel Alves de Lima, que eram os "donos" do IPGH no Brasil.

Saindo da França eu tinha esse lugar para ir (1971/72) e tinha também um outro emprego, que seria o de professor na Universidade de Toronto (Canadá) mas para 1972/73, porque na Euro-

pa, EUA e Canadá (que tem um pouco de Europa e um pouco de EUA), os convites se fazem com grande antecedência. Então fiquei sem ter para onde ir nesse período 1971/72 e aproveitando um convite que me havia sido feito no ano anterior, pelo Lloyd Rodwin então diretor do Departamento de Estudos Urbanos do M.I.T. (Massachusetts Institut Tecnologic), eu fui como pesquisador. Penso que neste ano que passei no M.I.T. foi de extrema importância na minha afirmação ideológica. Cronologicamente, o primeiro grande momento dessa evolução ideológica foi a ida para a França para doutorar-me, o contato com a imprensa francesa que me deixou ver um outro mundo, a minha trajetória na política e as dificuldades que continha para fazer alguma coisa que fosse de interesse coletivos, porque eu não era um homem de esquerda científica, um esquerdista científico, mas era um homem de boa vontade, coisa que era própria de toda uma geração de intelectuais que ficavam entre o populismo e a esquerda. Nós éramos os jovens maduros dos fins dos anos 50, começo dos anos 60 e essa ida ao M.I.T. me permitiu ver a forma como se gestavam, se iam gerando a partir dos intelectuais as idéias-forças de comando do mundo. O M.I.T. tinha de um lado aqueles que deram o pontapé inicial nas idéias que iam ser as idéias do "Clube de Roma" e no outro lado tinha Chomsky, o campeão das idéias contrárias e o porta-voz dos intelectuais opositores à guerra do Vietnã. A imprensa da universidade (diário) espelhava essa luta. Eu me recordo de que o reitor do M.I.T. fora acusado de ter sido elevado a esse posto por ter participado das pesquisas que conduziram àquelas balas, que deflagradas, eram invisíveis pelo raio X. Acusava-se esse homem, de, como prêmio, ascender ao posto de reitor. Mas isso é menos importante do que o fato que os estudantes e os professores o chamaram para explicar e eu o vi, explicando numa assembléia, todavia respeitosa, este fato. Quer dizer, uma idéia de democracia acadêmica, mas que permite os outros falar, o que se deseja. Que um dia isso aconteça no Brasil, onde a democracia acadêmica está freqüentemente se manifestando pelo amordaçamento dos que não têm maioria, o que me parece dramático na vida acadêmica. Então o M.I.T. foi muito importante porque me completou a educação política e eu me tornei nesse momento, digamos assim, uma pessoa de esquerda muito emocional, que eu manifestava nos meus contatos, inclusive na opo-

sição que fazíamos dentro do departamento. Digo nós, porque éramos vários do Terceiro Mundo no Departamento, que manifestávamos posição de oposição ao comportamento funcional daquele Departamento. Eu era uma espécie de porta-voz, porque Lord Rodwin que era o diretor me tinha certa afeição. Cada vez que ia um protesto, uma carta, me chamava para negociar. Essas cartas eram escritas, sobretudo, por Henrique Rattner que estava lá também. Nessa estada no M.I.T. avancei na redação do meu livro "O Espaço Dividido". Livro que me custou uns 8 anos de trabalho e que iria terminar na Universidade de Toronto, onde me foram dadas condições extremamente boas de trabalho. O entorno favorável, exatamente o que me parece faltar na universidade brasileira. Terminado então, o meu contrato na Universidade de Toronto, eu andei procurando onde me instalar. A crise da Universidade Americana, a falta de dinheiro, a guerra do Vietnã me consumindo todos os recursos, e o projeto mundial dos EUA, e só havia dinheiro para certos tipos de projetos e a universidade queria o Terceiro Mundo fora de moda. Os anos 70 marcam o desinteresse do "Centro" pelo Terceiro Mundo, e como consequência deixam de existir grandes sínteses sobre o Terceiro Mundo, até mesmo na França. Esse desinteresse leva a que os intelectuais do Terceiro Mundo, tivessem dificuldade para encontrar posições dentro das universidades, exceto se trabalhassem sobre aqueles problemas que passavam a ser do interesse do Departamento do Estado, da Fundação FORD, dos Ministérios de Negócios Estrangeiros, das grandes potências. Eu esqueci de dizer que a partir de 1968 eu comecei a ter contato com a Venezuela, porque eu fora nomeado diretor de um programa das Nações Unidas, para o Estudo e Planejamento da Urbanização da Venezuela. Neste lugar eu não pude ficar porque queria aplicar as teorias que estava eu elaborando e os cartolas da ONU queriam que eu aplicasse teorias em que não acreditava. Criou-se o conflito, e como eu tinha guardado o meu lugar na Sorbonne, eu preferi largar e voltar para ela, o que foi muito bom. Talvez eu devesse fazer um parênteses, para dizer que a minha presença na França foi muito importante na vontade de elaborar uma outra teoria da urbanização do Terceiro Mundo.

- GEOSUL: Quando se fez esse cruzamento, em que você teve um papel fundamental, da Geografia com o Marxismo?

- PROF. MILTON: Na realidade eu tinha uma leitura de segunda mão, através de Pierre George, mas sobretudo de Tricart e também um pouco de Rochefort, René Dugrand, Bernard Kayser, com quem sempre mantive relações muito boas, por que Tricart me sugeriu ir visitar todos esses jovens geógrafos que escreviam teses em 1956-58. Dando aula na França, cheguei à conclusão que aquilo que eu ensinava, lido na Escola Francesa, não me satisfazia. Comecei então, a querer fazer outra coisa e é daí então, que vem essa vontade de teorização sobre urbanização, que vai desembocar nos livros que eu publiquei ainda na França e depois nos EUA e na Inglaterra e que são, digamos assim, uma outra forma de ver o Terceiro Mundo, a partir de uma cabeça do Terceiro Mundo.

Bom, eu dizia que fui para a Venezuela, e o fato de eu ter essa posição intelectual, fez com que os venezuelanos decidissem me adotar. Então cada vez que eu não tinha emprego, eu telefonava para lá e eles me conseguiam um. Por esta razão, estava eu freqüentemente de volta na Venezuela.

Na Venezuela fiz contato com gente da OEA e foi através destas pessoas que eu obtive um emprego de 3 meses na Faculdade de Engenharia de Lima, quando deixei o lugar de professor em Toronto. Prolonguei minha estada por mais um mês, porque recebia um bom pagamento, que me permitiu economizar para enfrentar o que vocês vão ver daqui a pouco. Lá estava um discípulo de Anísio Teixeira que havia empregado outro discípulo de Anísio Teixeira, o Darci Ribeiro e ainda um outro especialista em Educação, Antônio Cabral, que é um grande amigo meu e que me deu um contrato, pela OIT, para redigir um texto sobre a pobreza urbana na América Latina, que nunca foi publicado. Por esse contrato recebi 5 mil dólares, o que era uma soma enorme para a época (1972). Esse dinheiro foi providencial. A seguir fui convidado por Ruth Glass para ser professor no Center of Urban Studies da University College de Londres. Essa foi uma experiência dolorosa, porque eu não pude ficar. Fiquei nove dias em vez de ficar um ano, porque não fui apoiado na organização da minha vida pessoal. Quer dizer, era impossível encontrar alojamento devido ao extremo racismo dos ingleses. Eu imaginei que a universidade fosse me ajudar a encontrar alojamento e como a Diretora do Cen-

tro, Ruth Glass, não se manifestou, contrariando o que ela me havia prometido antes, eu decidi que não ia ficar lá. Abandonei o emprego e voltei para Paris, onde eu pretendia redigir o meu trabalho encomendado pela O.I.T., quando a Venezuela me chama de novo. Eu fui então, ensinar na Faculdade de Economia da Universidade Central da Venezuela, junto com Maza Zavala, que era então diretor dessa faculdade. Aí então, eu já era conhecido pelo meu trabalho e alguns colegas ingleses, australianos me candidataram a um posto na Tanzânia. Eu que já estava me cansando de ficar dias, meses em países diferentes, considerei que seria uma boa coisa ficar 2 anos inteiros em algum lugar, tranquilamente. Fui para a Tanzânia onde fui encarregado de organizar, de instalar a pós-graduação de Geografia da Universidade de Salaam. Essa pós-graduação não podia ter mais de 6 alunos - o partido no poder decidiu que para a Geografia bastavam 6 pessoas por ano na pós-graduação - e na realidade nos tomamos apenas 4 no primeiro ano e 4 no segundo ano que eu passei lá. Dávamos uma assistência muito boa a esses estudantes, acompanhando as leituras, acompanhando redação das teses. Neste ínterim, eu fui nomeado membro do Comitê Diretor do Programa de Emprego e de Urbanização da OIT, o que veio com um dote de alguns milhares de dólares, para fazer pesquisa. Pude usar uma parte desse dinheiro para financiar pesquisas de estudantes que eu dirigia então. Foi o único estudo empreendido que a OIT financiou, tratando dos dois circuitos da economia, porque a OIT passou a financiar apenas estudos de um circuito, o informal, o que no meu modo de ver não é válido. Então, havia 100 estudos sobre as coisas sem validade e 1 estudo, que era o meu, que a meu modo de ver era válido (esta é a forma, através da qual as grandes organizações pervertem a pesquisa, orientam-na no sentido que não é o melhor e através da inundação das revistas científicas avalizam um enfoque inofensivo, criam uma moda e impedem que a boa pesquisa seja feita. Assim, a OIT, o Banco Mundial e a Fundação FORD inundaram o mundo com pesquisas sobre o setor informal, o que impediu digamos assim, a compreensão do fenômeno da pobreza, em vez de ajudar na sua compreensão).

- GEOSUL: Nessa altura você já está cruzando Marxismo e Geografia?

- PROF. MILTON: A minha presença nos EUA, depois no Canadá, os meus contatos com o grupo da Antipode, me levaram, digamos assim, a uma sistematização dos meus estudos marxistas. A partir do começo de 1970, quer dizer, eu ajudei a fundar a Herodote, junto a Yves Lacoste, que depois passou a dizer que não era marxista, não entendo bem porque... mas o meu contato com a Antipode me faz retornar então, esta linha que eu aprofundei através de um enorme lazer, que me facultava o fato de ensinar como professor não nacional, na França, nos EUA, no Canadá e depois na Tanzânia. É evidente que a estes estudos sobre marxismo, eu juntei estudos sobre outras áreas. Na França eu passei 2 anos estudando economia e mais 2 anos estudando Sociologia, ambos sistematicamente. Na África estudei Filosofia e Física, porque entendia que, para completar minha formação, era preciso fazer um investimento em outras disciplinas, o que está subjacentes no meu livro "Por uma Geografia Nova". Uma releitura desse livro vai mostrar o meu interesse pela Física, o que, aliás, fiz sozinho, lendo atabalhoadamente, para depois descobrir que o que eu deveria ler era Filosofia da Física, e que vai permitir então, um trânsito mais fácil por categorias do marxismo. Na Tanzânia eu recebo o meu primeiro convite para vir ao Brasil, que foi providenciado por Manoel Berlink, meu companheiro de Comitê e Diretor da OIT (Comitê de Trabalhos em Urbanização), que convenceu o reitor da UNICAMP, Zeferino Vaz a me convidar. Quando desembarco no Brasil, pela primeira vez depois de ter saído após 1964, isto é, em 1965, para trabalhar por um mês em Campinas, praticamente não pude atuar porque a morte de Herzog fez com que meus colegas me sugerissem desaparecer de cena e somente voltar para receber o salário e regressar para a Tanzânia. Em Campinas fiz 1 ou 2 seminários convocados por Berlink. O sistema universitário das "panelinhas", faz com que as pessoas que vêm pelas mãos de um grupo, possam ficar isoladas dos outros grupos, e no caso de Campinas foi isso que se deu. Gente como João Manoel me deu as "pontas dos dedos" para eu apertar, porque já era adversário de Berlink, a tal ponto que os meus seminários quem assistia eram os estrangeiros que esta-

vam em Campinas e mais Wilson Cano e Carlos Vogt. É verdade que naquele tempo os professores das universidades, mesmo aqueles que fingiam de esquerda, corriam dos professores chamados exilados, como o diabo corre da cruz. Tanto que na USP eu fui o convidado da Associação dos Geógrafos, em 1975, e não do Departamento, cujos professores mais importantes não foram me assistir, exceto Araújo Filho. Os professores importantes não foram lá e os que foram, eram exatamente os que estavam despontando, que tinham um certo compromisso. Em 1976, graças a um convite de Maria Brandão, que arranhou recursos para me trazer ao Brasil (estava na Venezuela por 1 semestre, vindo da Tanzânia e fui atender a um convite já antigo da Universidade de Colúmbia em New York, como professor latino-americano em residência) venho para a SBPC, ocasião em que encontro Armen, que já estava preocupado com a minha volta ao Brasil. Armen foi a primeira pessoa a imaginar que eu deveria voltar, coisa de que muitos outros não se preocuparam. Alguns que eram colegas comprometidos com o sistema diziam na França, que eu poderia voltar, porque teria, sem problemas, lugar. Verifiquei depois, que não, porque os esforços de Armen não deram resultados. Eu me recordo que em 31/12/76, Armen me telefonou a New York dizendo que era quase certa a minha noemação e vinda para cá e depois ele me telefonou dizendo que isso não era mais possível, por frouxidão dos colegas sobretudo, mais do que por qualquer coisa, porque não creio que fosse uma pessoa tão perigosa assim. Quando cheguei no Brasil em 1977, não houve meios de obter emprego em universidades. Vale lembrar que ainda em 1975, quando me candidatei na Universidade da Bahia - que era a minha própria vaga - a minha inscrição foi aceita por engano de um funcionário e depois foi cancelada pela administração da universidade, o que significa que não era tão fácil assim, voltar ao Brasil, como alguns colegas do IPGH afirmaram a Pierre George, que gentilmente me transmitiu essa conversa. A minha presença na França como professor visitante, representava, na cabeça deles, um obstáculo a que outros fossem convidados para a mesma posição, mas isso faz parte da vida mesmo. A Universidade de Colúmbia foi então, o meu último posto no estrangeiro. Eu tinha um contrato para ir criar um Departamento de Geografia em uma Universidade na Nigéria (no antigo Biafra) e guardei o convite, recusando-o quando me foi oferecido

- trabalho em São Paulo, através de Maria Adélia de Souza, que me fez Consultor de Planejamento do Governo do Estado e na EMLASA.

- GEOSUL: E com relação ao seu retorno ao Brasil, você foi à famosa reunião da AGB em Fortaleza e nessa reunião aconteceram vários reboliços. Relate um pouco desses acontecimentos para a Geografia dos fins da década de 70, até hoje?

- PROF. MILTON: Acho que 1978 foi a eclosão de um movimento que vinha se gestando há mais tempo e que havia uma fermentação extremamente bem orquestrada. Não foi obra do acaso, nem foi erupção espontânea. Não houve apenas gratuidade. Havia um grupo de geógrafos brasileiros preocupados com a Geografia brasileira, dispostos a mudar seu rumo, no sentido acadêmico, na construção de uma nova teoria geográfica, uma nova posição que fosse também, ao mesmo tempo, política e acadêmica, dentro da Geografia. Basta olhar o Boletim Paulista de Geografia, nº 51, onde está o editorial que marca essa mudança de tendência. Eu fui instrumental a esse movimento, quer dizer, a minha volta ao Brasil com a aura do homem que viveu fora, que tinha sido professor em grandes universidades estrangeiras - nós somos muitos gulosos dessa fama que vinha amarrada à minha trajetória - então, isso servia ao movimento e me foi útil. Talvez eu fosse o único intelectual brasileiro que viveu fora e que não precisou estar amarrado a grupos; nem de partidos, nem de tendências, nem de corriolas, para conseguir um lugar no país, porque a AGB através desse movimento, me deu uma cobertura nacional. Isto tem que ser dito. Na realidade, a cobertura acadêmica me ia ser dada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, que foi a primeira Faculdade a me convidar para falar em uma série de palestras que tiveram alguma repercussão, na pós-graduação. A AGB, digamos assim, me criou uma repercussão nacional, que eu sentia que ia durar pouco, razão pela qual eu insisti com o editor (da HUCITEC) que me foi encontrado por Florestan Fernandes, para publicar rapidamente o meu livro "Por uma Geografia Nova", porque sabendo que o Brasil é um país oral, onde as circunstâncias fizeram com que as pessoas leiam pouco, eu diria que para ser lido depois, teria que ser conhecido antes. E assim foi. O livro foi comprado e houve até quem comprasse 5 exemplares porque fazia parte do

bom tom da época.

Em 1970, a FAU (USP) começa a me convidar para dar cursos de 2 e 3 meses. Fez isso por 3 vezes e na 4ª vez eu decidi que não ia mais e fui lá dizer ao diretor, que já tinha me visto 3 vezes, e que se gostassem de mim que me tomassem, mas que eu não ia mais dar curso nenhum de curto prazo. Me lembrei daquele artigo de Sorj que se referia ao fato de que as universidades americanas o contratavam por 6 meses porque precisavam de um marxista para atrair os estudantes de esquerda, porque esta situação tinha 2 vantagens: primeiro, o sujeito pagava pelo curso e segundo, criava um "abcesso de fixação". Todos da esquerda iam para aquele professor e saíam do curso como de uma catarse. Assim, ele passou a não aceitar mais esses convites. Então, o grupo de Departamento de Geografia da UFRJ, que sempre teve uma estratégia de longo prazo, decidiu me convidar. Eu depois de hesitar, uma hesitação que depois foi dissolvida tanto pela insistência da Maria do Carmo Galvão quanto da Berta Becker, decidi me transferir para o Rio de Janeiro, onde fiquei até 1983, quando então, fui para a USP, fixando-me no que considero o melhor Departamento de Geografia do país. Os meus colegas paulistas me fizeram um convite que equivalia à possibilidade de me tornar professor titular. Vim para São Paulo, onde estou até hoje e espero ficar.

- GEOSUL: Se você fizer um balanço da Geografia, com base na sua experiência no Rio de Janeiro, em São Paulo e também nas notícias que você tem de outros departamentos, como é que você analisa a produção em termos intelectuais, acadêmicos? Como você vê o debate que teve características sísmicas em 1978/79/80 e que praticamente parece que foi parando? Como você vê esse período, o de hoje e as tendências futuras do debate na Geografia brasileira?

- PROF. MILTON: Eu penso que nós estamos precisando, urgentemente, de uma nova reviravolta, que vai ser mais difícil, porque a Geografia se institucionalizou mais neste período e uma boa parte dos responsáveis por aquela reviravolta, esta aceitando o novo "status quo", ainda que se imaginem revolucionários.

Como é que eu vejo a Geografia hoje? Eu penso que está faltando produção acadêmica.

- GEOSUL: Com estas teses todas?

- PROF. MILTON: Sobretudo por estas teses todas. O que é que nós temos? De 1978 para cá, a Geografia se tornou algo vendável. Ela é mercantil. Ela está nas prateleiras das livrarias, o que não é verdade para antes, exceto por um, dois ou três nomes, entre os quais eu cito o Manoel Correia, que é o que mais vende entre todos nós. Depois o que é que acontece? Há uma produção de divulgação muito grande, mas que não é uma produção acadêmica. Uma coisa é a produção acadêmica, outra coisa é a produção da divulgação, livros de divulgação, que são de vulgarização de uma produção, que não é obrigatoriamente a própria, e que no caso atual é cada vez menos a própria produção. Isto é uma coisa e a outra coisa é que a produção é sobretudo de teses de mestrado, doutorado, que não são uma produção acadêmica genuína, porque a produção acadêmica genuína, tem como caráter fundamental a gratuidade. Eu escrevo porque quero e porque imagino que tenho algo para dizer e não porque sou obrigado por um regulamento ou pela necessidade de ganhar mais dinheiro, para participar um pouco mais do sistema de consumo. Esta produção é a produção que eu chamaria de gastro-intestinal e não acadêmica. As teses de mestrado, doutorado, as teses para se ascender à livre-docência, são, de um modo geral, gastro-intestinais. Raramente são produção acadêmica. Resultam, freqüentemente, da vontade de poder ou de uma posição melhor na carreira e não são, obrigatoriamente, atividade acadêmica. A produção acadêmica é reduzida por uma falta de objetivo, porque a forma como as universidades estão se democratizando - democratização aliás, necessária - está de certa maneira conduzindo, com freqüência, à manifestação de oportunismos, que são um instrumento de dissolução do caráter das pessoas e quem não tem caráter, não pode produzir na vida acadêmica de forma importante. Ora, a maneira como está se dando a vida acadêmica, constitui em grande parte, um estímulo à redução do nível de caráter das pessoas. O oportunismo tornando-se a regra e não a exceção, tornando-se uma imposição e digamos assim, o norte, na medida em que a falta de ob-

jetivo está se generalizando de forma assustadora, eu acho que não há um projeto geográfico brasileiro. Claro, não há este projeto.

- GEOSUL: Isto é crítico?

- PROF. MILTON: É dramático, porque vai permitir a formulação de um grande número de pessoas dentro deste clima, deste ambiente.

- GEOSUL: Assim a gente fica com uma sensação muito derrotista. Parece que nada de bom existe. Isto não é meio imobilista?

- PROF. MILTON: Eu não disse isto. Eu digo que há alguma produção acadêmica, mas que a maior parte não o é; é produção gastro-intestinal, é a produção burocrática que é feita para cumprir regulamento. Se eu não for doutor, eu saio da universidade, se não for mestre, não tenho acesso, se não tiver o tal diploma eu arrisco a perder o contrato. Isto não leva à produção acadêmica e sim à produção burocrática, que as vezes é razoável, mas nem sempre.

A crise das revistas de Geografia, não vou dar nomes, uma ou outra aparece com envergadura, mas há uma crise; faltam artigos para publicar, porque as pessoas estão ocupadas na atividade gastro-intestinal. Um outro fato importante, a incapacidade físico-intelectual, não sei, política de produzir sínteses. Quais são as grandes sínteses que estão sendo feitas na Geografia brasileira? Se não há síntese produzida, onde é que está a produção acadêmica? Para onde ela vai levar? Quais são os guias da produção nova? Obrigatoriamente terão que ser de fora. Normalmente, teriam que ser de fora e de dentro também. É neste sentido que eu acho que a construção da Geografia brasileira está em dificuldade e eu digo isto, não para reduzir os ímpetos dos que querem fazer algo. Ao contrário, é para estimular as pessoas a essa produção. A forma como o tempo dos professores é organizado, também essa multiplicação de reuniões, onde decisões que podem ser tomadas por um colega responsável em cinco minutos, levam cinco dias para serem tomadas. Uma perda de tempo absolutamen-

te inaceitável na vida acadêmica em uma hierarquia de valores, uma hierarquia de níveis de importância, que acaba colocando a vida acadêmica em um patamar muito baixo. O que passa a ser importante é o poder, a busca do poder pelo poder, porque não é o poder com ele formular um projeto de AGB ou de Departamento de Geografia. Não é este poder. Mas um poder pelo poder, onde não é claro o que se pretende dentro de 5, 10 ou 20 anos.

- GEOSUL: Com esta avaliação estrutural/conjuntural da Geografia, uma radiografia da realidade brasileira, como você vê atualmente o surgimento e atuação de novos cursos de pós-graduação, tipo o de Florianópolis, Belo Horizonte e Aracaju? Você acha que mesmo nessa "crise", esses novos cursos comprometem a qualidade do ensino da Geografia e quais são as saídas dessa crise?

- PROF. MILTON: Dizer que compromete a qualidade do ensino da Geografia, é uma pretensão típica de gente do centro do país e imaginar que fora de universidades como São Paulo e Rio de Janeiro não se pode fazer coisa boa, é uma estultice. Nós temos é que multiplicar os "centros periféricos" de pós-graduação e diversificar as suas funções. Quer dizer: creio que a experiência de Florianópolis é muito importante, porque é um curso de pós-graduação diferente dos que existiam antes. Não conheço muito o de Aracaju, mas imagino que, a quantificação de horas-curso posta de lado, é uma iniciativa que foge aos modelos tradicionais. A preocupação de Belo Horizonte quanto ao ensino, também é legítima. A preocupação de afirmar um caráter próprio a cada curso permite que todos possam conviver. Por outro lado, esta diversidade pode permitir um intercâmbio, um trânsito de pessoas e espero que este trânsito não seja função apenas de curriolas e de solidariedades funcionais ou partidárias e sim que seja baseada na vida acadêmica, e quem tiver o que dizer, que seja chamado. Quem não tiver que fique em casa, ou que se prepare, pois acho que esse é o princípio fundamental. Não estou dizendo com isto, que a universidade deva excluir as pessoas medíocres. Não! A universidade é o lugar dos medíocres, mas que os medíocres sejam um pouco menos arrogantemente medíocres, ou venham a produzir com mais lentidão, coisas que mereçam consideração. Temo,

somente, que a situação pela qual o controle da vida acadêmica passa por essas debilidades, não seja apenas conjuntural mas esteja a caminho de se tornar estrutural.